

A psicologia da infancia

por

Carlos Bento

A vida da criança, tanto sob o ponto de vista somatico, como em relação á sua actividade psiquica, varia com a idade e com o sexo; e difere não só em quantidade, com tambem e principalmente em qualidade, da vida do adulto.

A existencia incontestavel desta diferenciação estrutural e dinamica das crianças entre si, e da criança com o adulto, levanta o problema dos factores do desenvolvimento, e o da progressão funcional das energias bio-psiquicas, que nele interveem.

Como organismo vivo que é, a criança, do mesmo modo que as plantas e os animais, está sujeita ás leis fisico-quimicas e biologicas, que regulam a actividade de todos os seres vivos que existem á superficie da terra.

Mas, além da vida vegetativa, que pertence ás plantas e da vida sensitiva, que é propria dos animais superiores, possui ainda a criança a vida intelectual, apenas partilhada com o homem, do qual incessantemente se aproxima desde o inicio da sua evolução.

Por virtude da vida vegetativa, a criança "cresce", isto é, aumenta de volume e de densidade, á medida que se afasta do nascimento, de conformidade com as leis especificas, que determinam o ritmo e as outras caracteristicas desse "crescimento".

Sob este aspêto, a criança não tem outra função, sendo a de "crescer", isto é, de adquirir um desenvolvimento somatico, cujo termo, em circunstances normais, só á hereditariedade pertence estabelecer e fixar.

Mercê da vida sensitiva que, no sentido rigoroso do termo, é apauzamento exclusivo dos seres dotados dum sistema nervoso, a criança aprende, cada vez com maior eficacia e precisão, a manter com o meio, em que tem de viver, o equilibrio de que carece, para a conservação da sua vida, isto é, a adaptar-se.

Seja qual for o conceito que se fizer da sensação, como expressão mais simples, e elemento irreductivel da consciencia; mas, tendo em vista o processo evolutivo da diferenciação e da complexidade organica, não padee duvida que o fenomeno da irritabilidade, que já se encontra no mundo vegetal, de par com os tropismos das plantas, pode ajudar a esclarecer o misterio da sensibilidade geral, que os animais superiores tambem usufruem, e por cuja virtude a criança se torna capaz de tirar o maximo proveito das suas experiencias, em relação ao mundo externo.

Finalmente, pela vida do pensamento, que se manifesta sempre em perfeita correlação com o desenvolvimento cerebral, a criança adquire

a capacidade de reagir, por um dinamismo progressiva, á ação das influencias, ou atenuando-as, em proveito da sua individualidade.

Manifestações desta vida (tambem chamada de relação), além da espontaneidade, que torna possível a resistencia do automatismo dos instintos e dos habitos organicos, são a reflexão, que prepara o advento e a consolidação da personalidade, e a tendencia de integração no meio social, como uma das bases essenciais do caráter.

Importa, porém, advertir que, apesar desta triplice existencia funcional, a vida da criança, como a do homem, não se cinde, nem sofre soluções de continuidade, antes constitui uma unidade organica. e uma concentração de energias, que não divergem entre si, senão pelo mecanismo, a que dão origem, e pelas tendencias e impulsividades, que despertam.

Vê-se, pois, que a criança, na integral complexidade dos elementos que a constituem, e na plenitude das forças que a caracterizam, é um organismo, cuja estrutura e atividade dependem, não somente das energias fisico-quimicas, a que todo o Universo está sujeito, como tambem sofrem a influencia de todas as leis biologicas e psicicas, que interveem, tanto na formação da consciencia reflexa do homem adulto como na dinamogenia dos instintos, que engendram a vida social.

Se é difficil analisar o caráter do adulto, chegado á maturidade da razão, á potencia da vontade e á disciplina mais ou menos completa das paixões, cresce muito a dificuldade quando se trata de conhecer o espirito da criança; e salta á vista a ingente necessidade de conhece-lo: o espirito da criança é o objeto da Pedagogia, é, a bem dizer, a substancia malleavel que ha de ser modelada pela arte cientifica dos Pestalozzi e dos Froebel.

Unanimes são os modernos psicologos em distinguir no nosso espirito tres grupos de estudos mentais que, usando uma linguagem abstracta, se atribuem a outras tantas faculdades diversas, que são a sensibilidade, a intelligencia e a vontade. Sabe-se, além disso, que essas tres faculdades não chegam simultaneamente á sua plenitude, mas vão aparecendo em certa ordem, dando logar este florescimento sucessivo ao importante ramo da ciencia mental, que constitue a psicologia das edades.

E' um fato inegavel que entre estas faculdades a primeira que aparece é a sensibilidade; no recém-nascido mostra-se claramente, se bem que reduzida á sua expressão mais simples e elementar, á sensação de dôr; desde os primeiros anos da vida a sensibilidade corporal desenvolve-se até o seu ultimo grau, a percepção sensorial, manifesta-se como a primeira faculdade mental que chega ao seu apogeu.

A sensibilidade afectiva não é tão precoce como a corporal; entanto, nos primeiros meses da vida pode notar-se a sua aparição sob a forma de movimentos colericos. A paixão de ira é a primeira que surge entre nós, e os arrebatamentos a que dá logar destacam-se visivelmente na sensibilidade afectiva da criança.

A intelligencia é menos precoce que a sensibilidade em todas as suas formas: nos primeiros meses da existencia não ha mostras claras de desenvolvimento intelectual, ao cabo do primeiro ano, pouco mais ou menos, podem notar-se os primeiros alvoren da luz intelectual, sob a forma

de um vivo sentimento de curiosidade, que induz a criança a estender as suas mãosinhas e a dirigir os olhares para os objetos que lhe chamam a atenção; pode-se também observar que por esta epocha conserva a memoria das suas impressões, e que põe em pratica certas tentativas para se apoderar dos objetos que a surpreendem.

Pelos dez anos chama a atenção o desenvolvimento desigual das faculdades intellectuais da criança; a sua memoria é viva, fresca, impressionavel, aprende com facilidade; a sua imaginação, no tocante á reprodução de imagens sensoriais, está também bastante desenvolvida, a ideação e o raciocinio funcionam com desembaraço na esfera do concreto; uma creança desta idade compreende com lucidez notavel muitos theoremas geometricos relativos á igualdade ou semelhança das figuras, contanto que o ensino destes theoremas se cifre em casos concretos. Basta chamar a atenção da criança, mostrando-lhe uma esfera, um tetraedro regular ou um cubo, para que ella logo reconheça todos os corpos da mesma figura, e note a circumstancia caracteristica comum a todos.

Em troca, faculdades intellectuais mais altas apenas existem em germen numa criança de dez anos: a atenção é pouco demorada, difficilmente se consegue que ella se entregue á reflexão, a meditação é-lhe quasi desconhecida, mostra mui pouca afeição e grande difficuldade para o raciocinio deductivo, e a sua intelligencia, que funciona com desembaraço e brio na esfera do concreto, torna-se preguiçosa, acanhada, entorpecida, na esfera do abstrato.

Aos dez anos distinguem-se facilmente uma cousa de entre muitas: apresentando a uma criança cem esferas de diversas cores e tamanhos, e feitas de varias substancias, a criança aprecia sem difficuldade a unidade de forma, a convexidade e a regularidade das superficies, a igualdade dos diametros de cada esfera, notando lucidamente estas circumstancias comuns aos muitos casos particulares que tem deante; mas a esta mesma criança ser-lhe-á muito difficil, senão impossivel, discorrer sobre a forma esferica considerada em abstrato, isto é, prescindindo completamente de todo exemplo particular. Por outros termos, com o auxilio de uma caixa de solidos e por meio de explicações verbais adequadas, apropriar-se-á a criança facilmente de quasi todas as noções geometricas, ao passo que talvez não chegue a possuir nenhuma se a obrigarem a decorar um compendio de geometria reduzido a definições e theoremas em abstrato.

A vontade é a mais tardia das nossas faculdade: na criança apenas se manifesta por volições, queremos dizer, por caprichos passageiros, si bem que intensos, por verdadeiros antojos. Exige-se que passe a puericia e a boa parte da juventude, para que, robustecendo-se sufficientemente a vontade, forme um componente essencial de caráter, e chegue a ser a norma e o regulador do proceder. Entanto, essas passageiras e irregulares volições da criança ministram base sufficiente ao pedagogista discreto, para iniciar a educação moral, e intentar obter a disciplina daquelle caracter em esboço.

Em resumo, no periodo da vida, compreendido dos cinco aos dez anos, a sensibilidade corporal é perfeita, a affectiva é ainda muito incompleta e acha-se reduzida quasi exclusivamente a duas comoções: o medo

e a colera; a vontade indecisa, flutuante, sujeita inteiramente aos aculeos da sensibilidade, é incapaz de prestar-se a essa continuidade de ação que constituirá depois a preciosa qualidade viril chamada perseverança. A intelligencia nesta epoca da vida desempenha as suas funções com lucidez na esfera do concreto, e carece ainda do brio necessario para as desempenhar igualmente nos altos e serenos dominios da abstração pura.

Em todas as familias que se prezam de educar bem os filhos, ha sempre, mais ou menos, dissensões, por causa de um, nem sempre chamado com justiça, capricho que as crianças, por vezes, apresentam.

Observa-se, efetivamente, que muitas delas repelem determinados alimentos, certos acepipes, sem motivo conhecido, e quasi sempre sem ter provado isso que rejeitam, nem fazer a mais leve idéa do seu verdadeiro sabôr.

A simples vista de alguns manjares produz nas crianças repulsão decidida para delas se servirem, e por mais reflexões que se lhes façam, por maiores insistencias que se empreguem, não se chega a conseguir que elas vençam a sua instintiva repugnancia.

Destas antipatias algumas ha que são de feito invenciveis, e ninguém ignora o asco que muitas pessoas sentem somente ao verem na mesa certos pratos ou frutos. Algumas dessas pessoas que, por meios artificiosos, chegam a ingerir as comidas que detestam, ao terem conhecimento disso, immediatamente as expellem com vomitos.

Essas, todavia, são exceções; a regra geral é que desapareçam com a idade as preoccupações ou incompatibilidades deste genero, e, se não se chega a tomar gosto pelo que na infancia se tornava insuportavel, tolera-se ao menos sem esforço.

Mas como os casos que temos indicado se repetem mais que fôra de desejar, e como os pais e preceptores receiam que seus filhos e discipulos figurem entre as exceções, costumam empregar-se, para evita-los, processos durissimos, contra os quais entendemos dever protestar em nome da humanidade e do senso comum.

Poucos dos nossos leitores haverá que não sentissem e não recordem algumas dessas injustificadas repugnancias, e poucos tambem que não vissem depois desaparecer, igualmente sem motivo, muitas delas, achando agradabilissimo o que antes rejeitavam com asco, e não podendo compreender como houvesse um tempo em que não gostavam do que saboreiam agora com delicia.

A constancia e extensão com que o fenomeno se verifica, a mesma falta de explicação racional de como ele se produziu, deve levar-nos a pensar que o fato está por ventura fora do dominio da vontade e, por conseguinte, é absurda a violencia para destrui-lo.

Toda a gente conhece a relação intima que existe entre o cerebro e o estomago. Não ha alteração de um destes órgãos que se não manifeste, mais ou menos directamente, no outro com intensidade semelhante.

Assim, quando o cerebro, por qualquer motivo, e até sem ele, chega ao convencimento de que uma substancia é nociva ou desagradavel, a influencia nervosa determina no estomago movimentos tumultuosos que dificultam a digestão ou fazem que se expila o conteúdo.

Exagerado, pois, o rigôr para vencer a resistencia das crianças a co-

merem certas cousas, corre-se o risco de lhes alterar o estomago, e prejudica-los, portanto, mais que favorece-los.

Não quer isto dizer, e seria uma aberração supo-lo, que opinamos pelo abandono da educação nesta parte, deixando ao capricho das crianças a sua alimentação, com receio de que o contrariar-lhes os gostos determine doenças, de que os pais um dia tenham que confessar-se culpados.

Significa apenas que é preciso estudar detidamente a verdadeira causa e intensidade da repugnancia das crianças a certos alimentos, assim como a origem do prazer com que saboreiam outros; porque, se em algumas ocasiões o seu gosto é banal e passageiro, outras ha, pelo contrario, em que obedece a verdadeiras intolerancias organicas, que se devem respeitar, embora se não compreendam nem expliquem.

Em medicina observa-se a respeito dos medicamentos uma intolerancia constante ou variavel, segundo os individuos, muito parecida nos seus efeitos com a de que estamos tratando, e ninguém pensa em obrigar os doentes que são vítimas dela.

Do mesmo modo pode succeder e succede com os alimentos, e é disparatado o empenho com que se obrigam as creanças a “comer de tudo”, quando a intolerancia nelas não seja efeito do capricho, mas sim verdadeira incapacidade organica.

Para concluir este ligeiro estudo vamos transcrever alguns trechos do trabalho “Psicologia em Pediatria”, do Docente José K. Friedyung de Viena.

“Uma nova ampliação do trabalho pediatrico resultou da devida interpretação das alterações agudas e crônicas do caráter das crianças, a qual revelou a necessidade de intervir auxiliando nos conflitos educativos.”

Se aprende a considerar a criança “má” como uma doente que não deve ser maltratada, mas tratada; a educação dos pais e pessoas do ambiente em que vive a criança, resultou uma missão medica.

As consequencias de uma educação erronea, chegam a ser, por conseguinte, objeto de nossa missão curativa.

Não só conhecimentos psicologicos profundos são sintomas de outro modo inexplicaveis, como também para praticar uma pediatria melhor do que a primitiva.

Já os metodos do exame medico e de tratamento necessitam de uma base psicologica. A polição das crianças em casa da familia e os momentos psicicos, por que elas passam, são tão importantes para a sua saude como a massa hereditaria dos pais.

Certas condições do ambiente causam muitas vezes quadros característicos de doença. Portanto a educação da criança deve estar sujeita a vigilancia do medico. Profilaxia e terapeutica encontram aqui problemas completamente novos e importantes.”